

CAPÍTULO 4

A CRIANÇA É TRABALHADORA E PRODUTORA? A COLABORAÇÃO DE MONTESSORI PARA O DEBATE

Helenara Plaszewski
Elisa dos Santos Vanti

RESUMO

O estudo realizado é alicerçado nos pressupostos da abordagem qualitativa, por meio da pesquisa bibliográfica das produções da educadora Maria Montessori. Para tanto, apoia-se a hermenêutica como possibilidade metodológica interpretação e a compreensão dos fenômenos, das atitudes e os comportamentos humanos, dos textos e das palavras (GADAMER, 2003), buscando identificar em sua teoria pressupostos para o trabalho infantil. Assim, objetiva-se neste estudo promover a reflexão acerca do conceito trabalho para a criança, a luz do referencial teórico Montessoriano. Os resultados demonstram que os princípios do trabalho da criança e o do adulto são diferentes. Operam com lógicas diferentes, o adulto trabalha na perspectiva do mínimo esforço e economia de tempo para fazer as coisas, já a criança faz ao contrário – a lei do máximo esforço e tempo que necessitar. Contudo, identifica-se que a realização do trabalho pelo adulto é externo/fora dele - vem em virtude de perceber resultados de seu trabalho, como geralmente recebe remuneração ou em situações de exploração. Em contrapartida na criança ela trabalha para dentro, ou seja, importante para ela é o processo e os resultados interiores, ou seja, não é o resultado final em si, mas pelas conquistas e experiências que ela atinge durante o processo.

PALAVRAS-CHAVE: Montessori. Trabalho. Infância.

1. INTRODUÇÃO

Verificar como são as etapas evolutivas da criança e de que forma se estrutura o pensamento infantil é imprescindível para qualquer abordagem que entende a criança e o adulto como protagonistas de suas próprias aprendizagens. Por tanto, conseqüentemente se faz necessário estudar, pesquisar e aprofundar fundamentos pedagógicos e psicológicos que orientam as diferentes propostas de trabalho docente na educação de infância fim de que evitem incoerências ou falta de êxito tão frequentemente observadas na prática educativa pelos críticos do protagonismo infantil (FORMOSINHO; KISHIMOTO; PIANAZZA, 2007).

Acredita-se que a realização de estudos que intencionem uma reflexão acurada sobre a teoria e a prática, de um saber pedagógico é condição fundamental para contribuir com o êxito das Pedagogias Progressistas, não diretivas e pedocêntricas. Na esteira desse esforço torna-se prioritário revisitar fontes teóricas que auxiliem a problematizar diferentes tempos e espaços educativos alternativos.

Diante disso, imersas nesta causa pela qualificação da educação infantil experiencial, busca-se versar neste artigo sobre o conceito de “trabalho” e de “produção” na infância,

discutindo-o a partir do olhar da filosofia montessoriana, para fortalecer práticas e argumentos que buscam se contrapor à transmissão do conhecimento sob a régide de “soluções prontas”.

2. POR QUE MONTESSORI?

É inegável que a educadora italiana Maria Montessori que teve uma história construída de 1870 a 1952, e tenha deixado um legado importante, quase que incomparável, para educação, em geral, e para a Educação Infantil, em particular (KRAMER, 1988). Dedicou-se a estudar profundamente a criança, produzindo uma prolixa bibliografia sobre o assunto (KRAMER, 1988). Já de pronto, Montessori destaca-se por ser uma notável mulher que rompeu as tradições da época, venceu preconceitos e enfrentou resistências até mesmo levantadas por alguns de seus colegas estudiosos pedagogos e filósofos que igualmente, defendiam os mesmos propósitos de uma educação experiencial adequada as necessidades e interesses das crianças (LILLARD, 2017).

Mesmo nos dias atuais, Montessori não deixa de ser considerada uma das maiores educadoras da história, cujo trabalho é referência na educação das crianças contemporâneas e cuja obra tornou-se mundialmente conhecida e praticada, ainda na atualidade, rompendo as fronteiras da Itália, cruzando os países da Europa e chegando aos demais continentes da Terra (seu método também foi amplamente difundido na Índia e nas Américas) (LILLARD, 2017; LILLARD; JESSEN, 2003).

No entanto, é preciso lembrar, que toda essa abrangência mundial, não se deu de forma homogênea, tranquila, sincrônica e automática em todos lugares por onde o método foi sendo adotado. Obstante, não teve uma adesão incontestada nos Estados Unidos da América, por exemplo. Como destaca Lillard (2017) esse fenômeno de resistência ao projeto montessoriano, se deu, por um lado, pelo contraponto a Pedagogia do educador Froebel que já era uma importante referência para boa parte do público norte americano (ABBUD, 2007). Por outro lado, pelas críticas contundentes ao método Montessori publicadas em 1914 no livro intitulado: “The Montessori Sistem Examined” de autoria do influente educador Willian Kilpatrick, discípulo do já notabilizado filósofo da Educação, à época professor da Universidade de Columbia (Nova York), John Dewey. Ambas causas associadas acabaram por atrasar consideravelmente o processo de ramificação das escolas montessorianas no território do país, sendo que apenas na década de 60, depois da morte de John Dewey e de Montessori, é que aconteceu um ressurgimento do interesse pela Pedagogia Montessori e a consequente

proliferação de escolas montessorianas americanas em um ritmo mais acelerado (SPODEK; SARACHO, 1998).

As descobertas adquiridas por Montessori através da observação das crianças trouxe-lhe resultados surpreendentes, levando-a identificar características, situações e sentimentos antes desconhecidos e que, são, atualmente, corroborados pela Neurociência (LILLARD; JESSEN, 2003). Os conhecimentos de Psicologia eram muito rudimentares nos primórdios do século XX, no entanto, Montessori desenvolveu técnicas para manter a concentração da criança identificadas com o conceito de plasticidade do cérebro infantil que é característica dos primeiros anos de vida do ser humano, dando atenção ao aspecto biológico do crescimento e o desenvolvimento de cada função do organismo (MONTESSORI, n.d.A; MONTESSORI, n.d.B).

Ambiente Preparado, Adulto Preparado e Criança Equilibrada, eis os pilares educacionais da abordagem montessoriana, que seguiram influenciando os fundamentos das inúmeras outras propostas de educação da infância que surgiram na Europa e nos Estados Unidos, no pós Segunda Guerra Mundial, quando a reflexão crítica sobre os caminhos nefastos que a humanidade estava seguindo foi propulsora para iniciativas reformistas nesse campo (KISHIMOTO; FORMOSINHO; PINAZZA, 2007).

Percebe-se a influência montessoriana nessas Pedagogias Participativas que surgiam, em síntese, no que se refere aos seguintes aspectos: 1) ao papel fundamental da observação e do registro diário dessa observação acompanhando o desenvolvimento de cada criança 2) quanto a urgente demanda por preparação do adulto para que seja positivamente responsivo às necessidades das crianças e 3) em relação a inclusão de um planejamento reflexivo e um arranjo prévio e criterioso do ambiente, baseados na observação da criança, na segurança física e emocional e na liberdade infantil (VANTI; PLASZEWSKI, 2023).

Desse modo, sob a ideia de ambiente preparado montessoriano, por exemplo, pode-se dizer que as demais Pedagogias Participativas que se seguiram tais como: os Programas de High School da América do Norte e da abordagem de Reggio Emilia da Itália - mantiveram a ideia de salas divididas em micro ambientes, de forma que correspondessem as suas diferentes áreas curriculares, assim como já havia projetado e experienciado Maria Montessori, décadas antes dessas duas propostas emergissem em seus países de origem (VANTI; PLAZEWSKI, 2022).

Assim, ao debruçar sobre o estudo de quaisquer das Pedagogias Participativas, seus princípios e métodos, suas contribuições para a educação da infância e para a inovação

pedagógica, percebe-se o quanto os conhecimentos e as pesquisas de Maria Montessori foram imprescindíveis para o melhor e mais profundo entendimento sobre os conceitos sustentadores das práticas educativas progressistas e a lógica estruturante que serviram de base para tais Pedagogias.

Através de uma investigação comparativa seja por suas semelhanças e aproximações, seja por suas inconfundíveis diferenças e transformações, parte-se para voo panorâmico analítico e interpretativo sobre as revelações trazidas por Montessori no princípio dos anos de 1900, acerca do trabalho e da produção infantis, o quanto foram inovadores e o quanto servem de um relevante ponto de referência para o estudo da criança e das conseqüentes Pedagogias da Infância.

3. METODOLOGIA

A pesquisa realizada insere-se na área da educação, alicerçado nos pressupostos da pesquisa qualitativa (LÜDKE; ANDRÉ, 1986), por meio da pesquisa bibliográfica das produções da educadora Maria Montessori, buscando identificar em sua teoria pressupostos para o trabalho infantil. Assim, objetiva-se neste estudo promover a reflexão acerca do conceito trabalho para a criança, a luz do referencial teórico Montessoriano. Tem-se como perspectiva sobre pesquisa:

é toda atividade voltada para a solução de problemas; como atividade de busca, indagação, investigação, inquirição da realidade, é a atividade que vai nos permitir, no âmbito da ciência, elaborar um conhecimento, ou um conjunto de conhecimentos, que nos auxilie na compreensão desta realidade e nos oriente em nossas ações. (PÁDUA, 1996, p. 29).

Assume-se que a produção de conhecimento se dá num processo de aprendizagem, em diálogo, na ação coletiva, em forma de estudos e pesquisas, e na busca de querer obter respostas aos anseios e objetivos propostos numa investigação.

Para tanto, utiliza-se a hermenêutica como possibilidade metodológica pois,

A hermenêutica pode ser compreendida como a maneira pela qual interpretamos algo no movimento que interessa e constitui o ser humano, de formar-se e educar-se. A interpretação decorre de um texto, um gesto, uma palavra de abertura e relação com o outro, que é capaz de se comunicar, de interagir. A hermenêutica busca uma reflexão e uma compreensão sobre aquilo que vemos, lemos, vivenciamos, criando uma cultura imersa em diferentes tradições e experiências. Implica também na forma como realizamos o movimento para nos (re)conhecer a partir das experiências no mundo, ou seja, na medida em que interpretamos algo, relacionamos diretamente com a visão de mundo que temos, advindas de nossas experiências anteriores. Sendo assim, tematizar a compreensão como modo fundador da existência humana lança questões críticas sobre o que é educar, aprender, compreender, pesquisar e dialogar, para dar conta da singularidade da vida humana (SIDI; CONTE, 2017, p. 1945).

O que significa interpretação e a compreensão dos fenômenos, das atitudes e os comportamentos humanos, dos textos e das palavras. Assim como, a hermenêutica abre para interpretação e ressignificação do sujeito. A ideia de recriar dando um sentido próprio ao que se investiga.

Importante destacar que estudos minuciosos de clássicos são relevantes como forma de contribuição para área, nas diferentes temáticas, mas também como fundamental estado do conhecimento científico.

Um dos maiores expoentes da hermenêutica é Gadamer (2003, p. 71) que destaca que “compreender é operar uma mediação entre o presente e o passado, é desenvolver em si mesmo, toda a série contínua de perspectivas na qual o passado se apresenta e se dirige a nós”.

É um tema que não se esgota, tão pouco soluciona-se numa palestra, publicação ou curso de formação de professores, pois ele incide diretamente na mudança de prática pedagógica, visão de ensino e aprendizagem e atenção a criança por parte das/os professoras/es.

Diante disso, emersas nestas concepções intenta-se neste artigo versar sobre o termo trabalho na infância, buscando responder: como é tratado o conceito trabalho na infância? que ora apresenta-se como um dos resultados da pesquisa realizada, a partir de um Projeto institucional unificado, com ênfase na pesquisa é intitulado: Educação para a Paz que tem por foco aprofundar, compartilhar conhecimentos aprofundar compartilhar conhecimentos construídos e colaborar com proposições e práticas pedagógicas acerca da Pedagogia Montessoriana de modo a fortalecer o sentido social da ação educativa através da educação para a paz, contribuição para a formação de professores.

4. DISCUSSÃO

A reflexão a respeito da categoria trabalho na concepção de Marx em torno da dialética do trabalho, falar de trabalho para crianças pode parecer no primeiro olhar mais desatento, algo inaceitável, pois poderá remeter a conexão com as condições degradadas do trabalho produzidos pelo sistema capitalista e que é negativo porque homem trabalha subordinado aos interesses do capital e duas necessidades básicas (alimentar-se, agasalhar-se, etc), através da “a interconexão essencial entre a propriedade privada, a ganância, a separação de trabalho, capital e propriedade da terra, de troca e concorrência etc.[...]” (MARX, 2004, p. 80). O trabalho se torna uma atividade de auto-sacrífico, um sofrimento e miséria para uma grande parte da classe trabalhadora.

No entanto, diferentemente, desta conexão aponta que pode-se efetivar como ser livre e criativo. Também pelo trabalho que a subjetividade se constitui e desenvolve, num processo de auto criação de si mesmo. O trabalho humano é uma atividade vital consciente da espécie humana, o que distingue da atividade produtiva dos demais seres vivos porque não é uma mera atividade instintiva para satisfazer suas necessidades imediatas (MARX, 2004). Portanto,

É verdade que também o animal produz. Constrói para si um ninho, habitações, como a abelha, castor, formiga etc. No entanto, produz apenas aquilo de que necessita imediatamente para si ou sua cria; produz unilateral[mente], enquanto o homem produz universal[mente]; o animal produz apenas sob o domínio da carência física imediata, enquanto o homem produz mesmo livre da carência física, e só produz, primeira e verdadeiramente, na [sua] liberdade [com relação] a ela; [...] O animal forma apenas segundo a medida e a carência da espécie à qual pertence, enquanto o homem sabe produzir segundo a medida de qualquer espécie, e sabe considerar, por toda a parte, a medida inerente ao objeto; o homem também forma, por isso, segundo as leis da beleza (MARX, 2004, p. 85).

Segundo Marx (2004) explica que significa que é o modo de vida da espécie humana, ou seja, a exteriorização da vida dos indivíduos.

A partir dos estudos Montessorianos, a pesquisa referente ao significado da palavra foi:

Sendo o trabalho da criança constituído de ações relacionadas com objetos reais do mundo exterior, podemos transformá-lo em matéria de estudo para pesquisar as leis e identificar-lhes as origens, a fim de compará-lo com o trabalho do adulto. Tanto o adulto como a criança desenvolvem, à custa do ambiente, uma atividade imediata, consciente e voluntária, que se deve considerar como “trabalho” propriamente ditto; além disso, porém, ambos têm em seu trabalho uma finalidade que não é directamente consciente e voluntária. (MONTESSORI, n.d.A, p. 216).

Ainda, autora descreve,

As crianças das nossas escolas demonstraram-nos que sua verdadeira aspiração era a constância no trabalho: fato que nunca tinha sido observado, como também jamais tinha se verificado a escolha espontânea do trabalho por parte da criança. (MONTESSORI, n.d.B, p. 222).

Nas descobertas de Montessori (n.d.B, p. 222) o trabalho: “acontece sempre que a criança está concentrada numa atividade; [...], basta que ela se limite a facilitar o contato com os meios de atividades presentes no ambiente preparado para ela. Tão logo a criança encontra o modo de trabalhar, [...]”.

Desse modo, o entendimento é que o trabalho é inato ao ser humano,

Montessori sentia que o adulto em nossa cultura está despreparado para reconhecer e aceitar o desejo da criança pequena de trabalhar e, portanto, não só se surpreende quando ele aparece, mas se recusa a permitir que se expresse. Em vez disso, o adulto tenta obrigar a criança a brincar continuamente. Os adultos precisam aprender o instinto de trabalhar da criança e cooperar com ele (LILLARD, 2017, p. 105).

Ademais a educadora detalha como se processa,

O que importa conhecer, porém, é o trabalho infantil. Quando a criança trabalha, não o faz para alcançar uma meta exterior. Seu objetivo é trabalhar, e quando, na repetição de um exercício, ela põe termo à própria atividade, esse ponto final independe de atos exteriores. Quanto na reação individual, a cessação do trabalho, não relação com a fadiga, porque, pelo contrário, uma característica da criança é a de sair do trabalho completamente refeita e cheia de energia (MONTESSORI, n.d.A, p. 217).

O que demonstra uma das diferenças entre as leis naturais do trabalho entre o adulto e a criança, pois o adulto trabalha na perspectiva do mínimo esforço e economia de tempo para fazer as coisas e, ainda, busca garantir que o resultado aprendido no trabalho será duradouro e que tenha valido a pena. Diferentemente para a criança, o que é importante é o processo, ou seja, não pelo resultado final do trabalho em si, mas pelas descobertas e conquistas duradouras que vêm durante esse processo, por conduzir a uma infinidade de resultados. Mesmo que o trabalho consuma uma quantidade enorme de energia para realizá-lo. Diferentemente do adulto, “a criança pelo contrário não se cansa com o trabalho; cresce trabalhando e, por isso, o trabalho lhe aumenta sua energia”. “[...] O trabalho de crescer constitui sua própria vida: “Trabalhar ou morrer”. [...]” (MONTESSORI, n.d.A, p. 218).

A educadora cita um exemplo de um menino de três idade que repetiu um exercício mais de 40 vezes de modo muito concentrado na ação que realizava, destacando que a repetição é uma necessidade interior e a concentração é motivo de desenvolvimento. De modo, que a construção da personalidade se dá através do trabalho.

Montessori descobriu a importância de um período de trabalho ininterrupto de duas horas e meia a três horas. A última hora de um longo período de trabalho que geralmente é quando as crianças são mais propensas à escolher um trabalho desafiador e se concentrar profundamente. Tal como, na proposta montessoriana não há separação entre trabalho mental porque os dois são necessários ao desenvolvimento da personalidade da criança. (MONTESSORI, n.d.A).

Contudo, percebe-se pela leitura que dentre os princípios que derivam seu método deve-se focar no na aprendizagem experiencial das crianças em que a escolar seja ativa, garanta o seu protagonismo, seu ritmo próprio e a liberdade. Os materiais que ela desenvolveu eram auto corrigíveis, por isso podem ser utilizados sem a supervisão da professor/o. Enfim, frisa sem a interrupção prematura do trabalho.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de trabalho proposto neste estudo não pode ser restrito o termo em si, ou seja, o modelo de consumo do sistema capitalista de produção, mais valia, produção, resultado, etc próprios do neoliberalismo. Inicia-se com o conceito em Marx (2004) e explora o pressuposto em torno do pensamento pedagógico montessoriano.

As reflexões do trabalho desenvolvido pela educadora referência Maria Montessori é atual e assume verdadeiramente necessários para a compreensão do que revela ser a intencionalidade educativa por meio de um ambiente preparado onde a criança é ativa, autônoma e protagonista na construção de sua aprendizagem.

Por tudo, os resultados da pesquisa em torno do conceito de trabalho em Montessori, demonstram que os princípios do trabalho da criança e o do adulto são diferentes. Operam com lógicas diferentes, o adulto trabalha na perspectiva do mínimo esforço e economia de tempo para fazer as coisas, já a criança faz ao contrário – a lei do máximo esforço e tempo que necessitar. Ainda, não foca no resultado final do trabalho em si, mas pelas descobertas e conquistas duradouras que vêm durante esse processo.

Identifica-se que a realização do trabalho pelo adulto é externo/fora dele - vem em virtude de perceber resultados de seu trabalho, como geralmente recebe remuneração ou em situações de exploração. Em contrapartida na criança ela trabalha para dentro, ou seja, importante para ela é o processo e os resultados interiores, ou seja, não é o resultado final em si, mas pelas conquistas e experiências que ela atinge durante o processo.

Por tudo, precisa-se ficar atentos as necessidades de trabalho por parte da criança, o tempo destinado ao trabalho é diferente do adulto e destina muito tempo na atividade e que infelizmente muitas vezes é interrompida de forma precoce, sem findar o que se propõe, deixando-a frustrada.

Finda-se com a mensagem de Montessori: “O trabalho da criança é o de construir a humanidade” (SALOMÃO, 2019, n.p.).

REFERÊNCIAS

FORMOSINHO, J. O.; KISHIMOTTO, T. M.; PINAZZA, M. A. (Org.). **Pedagogia(s) da Infância: dialogando com o passado, construindo o futuro**. Porto Alegre: ArtMed, 2007.

GADAMER, H.-G. **O problema da consciência histórica**. FRUCHON, P. (org). Tradução de Paulo Cesar Duque Estrada. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2003.

KRAMER, R. **Maria Montessori: the biography**. EUA, New York: Diversion Book, 1988

LILLARD, P. P. **Método Montessori: uma introdução para pais e professores**. São Paulo: Manole, 2017.

LILLARD, P. P.; JESSEN, L. L. **Montessori From The Start: the child at home, from birth to age three**. EUA: New York, 2003.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU: 1986.

MARX; K. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

MONTESSORI, M.. **A Criança**. Lisboa: Portugalia, n.d.

MONTESSORI, M. (1870-1952). **A Educação e a Paz**. Trad. Sonia Maria Alvarenga Braga. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

MONTESSORI, M. **Mente Absorvente**. Trad. Wilva Freitas Ronald de Carvalho. Lisboa: Portugalia, Editora: Nordica, n.d.B

PÁDUA E. M. M. de. **Metodologia da pesquisa Abordagem teóricoprática**. Campinas: Papyrus, 1996.

SALOMÃO, G. **Trabalho de Criança, Trabalho de Adulto**. 2019. Disponível em: <https://larmontessori.com/2019/05/09/trabalho-montessori/>. Acesso em: 10 fev. 2023.

SIDI, P. de M.; CONTE, E. A hermenêutica como possibilidade metodológica à pesquisa em educação. **RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara**. v.12, n4, out./dez. 2017. p. 1942-1954. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/9270/6932> Acesso em: 10 fev.2023

SPODEK, B.; SARACHO, O. N. **Ensinando Crianças de Três a Oito Anos**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

VANTI, E. S.; PLASZEWSKI, H. **O Protagonismo Infantil nas Pedagogias Participativas: o papel das zonas circunscritas na sala de referência**. In: Fundamentos da Educação: Aprendizagens. MG: Editora Ópera, Volume 1, 2022.

VANTI, E. S.; PLASZEWSKI, H. **Sobre a Pedagogia do Ateliê na Educação da Infância: contribuições de Dewey, Freinet e Malaguzzi**. In: BANDEIRA, G. M. da S., SILVA, C. B. da e FREITAS, P. G. de (Org.). Olhares da Educação: Ações, Rupturas e Conhecimento na Construção dos Saberes Coletivos. Volume 3. RJ: Editora e-Publicar, 2023.